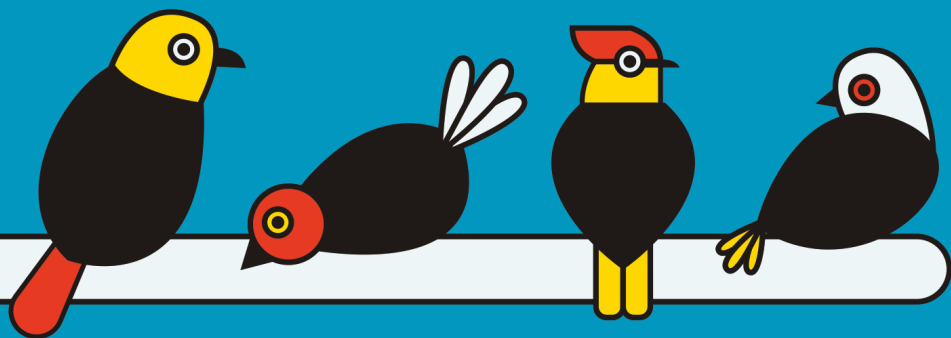


FAKE FICTION



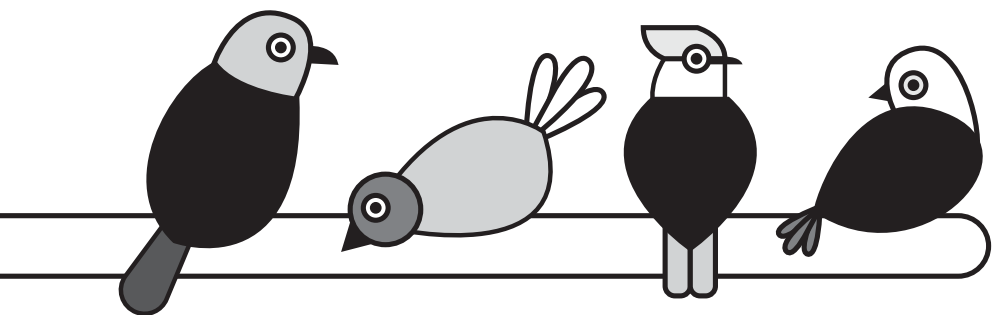
CONTOS SOBRE
UM BRASIL
ONDE TUDO
PODE SER
VERDADE

ORGANIZADO POR JULIA DANTAS E RODRIGO ROSP





FAKE FICTION



CONTOS SOBRE UM BRASIL ONDE TUDO PODE SER VERDADE

ORGANIZADO POR JULIA DANTAS E RODRIGO ROSP 2ª EDIÇÃO

PORTO ALEGRE



SÃO PAULO · 2021

Copyright © 2020 Adriana Lisboa, Alexandra Lopes da Cunha, Altair Martins, Arthur Telló, Carlos André Moreira, Carlos Eduardo Pereira, Clarice Müller, Claudia Nina, Danichi Hausen Mizoguchi, Dani Langer, Eliana Alves Cruz, Gabriela Richinitti, Guilherme Smee, Guto Leite, Henrique Schneider, Irka Barrios, Julia Dantas, Lima Trindade, Leandro Godinho, Leila de Souza Teixeira, Lu Thomé, Luisa Geisler, Marcela Dantés, Marcelo Spalding, María Elena Morán, Michelle C. Buss, Nelson Rego, Rafael Bassi, Renata Wolff, Rodrigo Alfonso Figueira, Rodrigo Rosp, Sara Albuquerque, Taiasmin Ohnmacht, Tiago Germano, Vitor Necchi, Yuri Al'Hanati

CONSELHO EDITORIAL Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

PREPARAÇÃO E REVISÃO Rodrigo Rosp

CAPA E PROJETO GRÁFICO Luísa Zardo

REVISÃO Raquel Belisario e Rodrigo Rosp

**DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

FI76 Fake fiction : contos sobre um Brasil
onde tudo pode ser verdade / org. Julia Dantas,
Rodrigo Rosp. — 2. ed. — Porto Alegre :
Não Editora, 2021.
256 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-87428-01-7

1. Literatura Brasileira. 2. Contos Brasileiros.

I. Dantas, Julia. II. Rosp, Rodrigo.

CDD 869.937

Catálogo na fonte:

Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

EDITORIAL

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora • Porto Alegre • RS
contato@dublinense.com.br

COMERCIAL

(51) 3024-0787
comercial@dublinense.com.br

“

**SERÁ QUE NUNCA
FAREMOS SENÃO
CONFIRMAR A
INCOMPETÊNCIA
DA AMÉRICA
CATÓLICA
QUE SEMPRE
PRECISARÁ
DE RIDÍCULOS
TIRANOS?**

CAETANO VELOSO, *PODRES PODERES*

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência. Estamos acostumados a ler essa declaração no início de filmes e nas páginas introdutórias de livros. Sabemos o que ela quer dizer, entendemos que os acontecimentos do mundo inventado da ficção não pertencem ao mundo concreto no qual existimos objetivamente. Ainda assim, os conceitos de ficção e verdade não são nem tão sólidos nem tão estáveis como poderíamos gostar que fossem.

A literatura realista não ganhou seu status de ficção sem esforço. O mundo há muito é recheado de fábulas, parábolas, contos de fadas, poemas, testemunhos e mitos. Mas a prosa ficcional de aparência realista é uma criação um pouco mais recente e, nos seus primórdios, era com frequência entendida como relato empírico da vida de alguém.

Quando Flaubert publicou *Madame Bovary*, ele foi acusado de retratar uma vida imoral. O público supôs que a história de uma desiludida esposa que passa a procurar prazer com outros homens fosse verídica. Não havia ainda muita clareza a respeito do que significava a ficção. Levado a julgamento e interrogado a respeito da verdadeira identidade da mulher adúltera de seu livro, Flaubert pronunciou a célebre frase: Madame Bovary sou eu.

Não era ainda usual que a palavra escrita pudesse trazer algo que *parecia* ser verdade, mas não era. *Madame Bovary* inaugura o que agora conhecemos como romance moderno. Para nós, hoje, é lugar-comum dizer que a literatura não é o território do *foi*, mas do que *poderia ter sido*.

De Flaubert para cá, a ficção experimentou diversos rumos e práticas, mas manteve sua essência mais ou menos intocada. Por outro lado, o mundo concreto foi tomado por narrativas que se apresentam como verdades, mas não passam de invenções, distorções ou amontoados vazios de palavras vagas. Naturalmente, a mentira não nasceu ontem, e há de ser tão velha quanto a humanidade. Mas a era digital ampliou a circulação de discursos que tentam não apenas ser convincentes, mas fazer de todos nós seres eternamente desconfiados de tudo. Sendo impossível identificar o que é falso, é também impossível identificar o que é real.

Estamos em 2020: faz já quatro anos que o dicionário Oxford escolheu como palavra do ano o termo pós-verdade. De lá para cá, a pós-verdade foi sendo substituída no discurso popular pelas fake news. É um problema onipresente: as notícias falsas se disseminam de modo imparável, e também só crescem as acusações de fake news direcionadas a fatos reais, mas desagradáveis. A pós-verdade se tornou nosso ambiente de produção e comunicação de discursos.

Todas essas mudanças encontraram terreno fértil na sociedade brasileira, onde passam a ser acompanhadas de um renovado pensamento obscurantista e constantes ameaças à democracia e às liberdades individuais. Felizmente, a arte revida. Esse tempo de ameaças e medo é também um tempo em que proliferam textos ficcionais que tentam dar conta dessa nova realidade, desse assombro.

Assim, surgiu a ideia de organizar uma coletânea de contos que, de alguma forma, estivessem inseridos nesse contexto social e político, contos que dialogassem com momentos muito recentes da história do nosso país. Eis, portanto, trinta e seis visões sobre o Brasil de hoje, um país onde (cada vez mais) o noticiário se mostra mais cheio de reviravoltas e inverossimilhanças que qualquer obra ficcional poderia imaginar. Os contos aqui reunidos trazem releituras dos protestos de 2013, do período da Copa do Mundo, do impeachment-golpe de 2016, das eleições de 2018 e do país sob o governo do presidente #elenão. Longe de buscar um retrato fiel, o conjunto traz trinta e seis vozes, cada uma à sua maneira,

na tentativa de dialogar com o momento tão absurdo em que vivemos, quando a verdade nos tem sido tomada de assalto com propósitos dos mais nefastos.

Pois então, em meio à confusão entre o real e o falso, o que um escritor de ficção deve fazer? Esta é a questão que *Fake fiction* tenta explorar. O título que escolhemos quer indicar um caminho possível. O que significaria uma falsa ficção? Convidamos leitoras e leitores a pensar junto. Talvez caiba à literatura falsear a ficção até extrair dela a verdade: acessar o centro pelo avesso do avesso. Esse tipo de torção no pensamento apenas a arte é capaz de realizar.

Julia Dantas
Rodrigo Rosp

ÍNDICE

- 7**
Apresentação
- 13**
Maria
Danichi Hausen Mizoguchi
- 23**
Velha Hartz
Luisa Geisler
- 39**
Em nome do país
Rodrigo Alfonso Figueira
- 43**
Soluços
Rafael Bassi
- 51**
Terrivelmente evangélico
Tiago Germano
- 59**
Impermeável
Marcela Dantés
- 61**
Seguidores
Rodrigo Rosp
- 65**
As anfitriãs
María Elena Morán
- 69**
Soldadinhos do desejo
Guilherme Smee
- 81**
Um mergulho, Arpoador
Dani Langer
- 85**
Isso vem de longe, irá longe
Nelson Rego
- 97**
Não passarão
Eliana Alves Cruz
- 101**
Flashback
Renata Wolff
- 111**
Beirada
Adriana Lisboa
- 115**
O asco dos naufragos
Carlos André Moreira
- 123**
El niño
Michelle C. Buss
- 129**
Os dois quietos, uma luz quase inexistente
Arthur Telló
- 133**
Casco
Sara Albuquerque

139

**Ninguém segura a
mão de ninguém**

Leandro Godinho

145

Preciso falar com o Gabi

Vitor Necchi

153

Estrelas nas paredes

Taiasmin Ohnmacht

157

A grande beleza

Yuri Al'Hanati

165

**Aquela mesma corrida
de sempre**

Lu Thomé

169

**As que não estavam
nos jornais**

Leila de Souza Teixeira

177

Impeachment

Guto Leite

179

Debate

Carlos Eduardo Pereira

185

Verme

Claudia Nina

189

Edifício Sunshine

Gabriela Richinitti

197

Travessia

Henrique Schneider

203

O homem de bem

Marcelo Spalding

209

As ifigênias

Altair Martins

217

A dança da hora

Clarice Müller

223

Purificação

Alexandra Lopes da Cunha

227

Anúnciação

Julia Dantas

235

Horizonte alaranjado

Irka Barrios

239

O zero cinco

Lima Trindade

248

**Quem escreveu
este livro**

MARIA DANICHI HAUSEN MIZOGUCHI

Ela toma o último gole que resta na garrafinha de água depois de quase duas horas escutando as falas medíocres dos três colegas, o tom professoral de sempre daqueles machos palestrinhas, certos de estarem certos, confiantes no brilho de seus próprios trabalhos, o paletó sem gravata e a calça de linho da Richards de um, o sapatênis da Mr. Cat do outro, o Mac Book Air e os gráficos inúteis projetados do terceiro, a competição tácita entre todos para ver quem receberia mais aplausos e perguntas, ela tentando e mais uma vez não conseguindo disfarçar o enfado de participar de umas dez atividades como aquela por ano, em Niterói, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Uberlândia, em Porto Alegre, no caralho a quatro, com a plateia sempre igual, as mesmas pessoas, a inteligentinha lacradora que tenta pegar os palestrantes no contrapé, o entediado que passa o tempo inteiro no celular, o perdidinho que expõe longamente alguma experiência pessoal completamente desconectada do assunto da mesa, não faz pergunta alguma e termina dizendo que era só isso mesmo, a obrigação de responder as questões banais com alguma educação e ficar se mijando até a hora em que o mediador diz que se ninguém tem mais nada a falar ele vai encerrar o encontro, agradece pela presença de todos, pelo brilho da exposição dos palestrantes, pelas instigantes colocações dos presentes, ela cumprimenta todos os colegas com apertos de mão, se levanta com a bunda quadrada e a perna dormente, vai ao banheiro e parte.

Caminha vinte minutos até a estação das barcas de Niterói, passa o cartão, roda a catraca, compra seis pães de queijo e um mate na promoção, vê a multidão de trabalhadores descer apressadamente a rampa que leva à Praça Arariboia, sobe apressadamente a rampa que leva a multidão de jovens animados à barca, senta-se em um banco de corredor, estica um pouco as pernas, relaxa o corpo, fecha os olhos e lembra do Arnaldo Jabor dizendo dias antes no telejornal noturno que a grande maioria dos manifestantes nos atos que estavam tomando conta do país são filhos de classe média, que ali não havia pobres que precisassem dos vinte centavos, que os mais pobres ali eram os policiais apedrejados que ganham muito mal, que os revoltosos de classe média que não sabem por que estão nas ruas protestando não valem nem vinte centavos e que a população só viu um ódio tão grande à cidade quando uma organização criminosa queimou dezenas de ônibus, uma fala de tom muito semelhante ao editorial da Folha que leu na manhã seguinte e que dizia que os manifestantes são jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária cujo objetivo declarado, o transporte gratuito, já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos, e que o direito de manifestação dos jovens cientes de sua condição marginal e sectária não pode ter primazia sobre o direito de ir e vir, sobretudo quando o primeiro é reclamado por poucos milhares de manifestantes e o segundo é negado a milhões, e que é preciso que o poder público ponha um ponto final nisso e aja com rigor contra o vandalismo vetando as manifestações potencialmente mais perturbadoras, manifestações que desde aquelas puxadas pelo Bloco de lutas em Porto Alegre aos poucos se alastraram por todo o país, numa ascensão tão surpreendente quanto a recente mudança de posição da mídia, e ela lembra agora que escutou o mesmo Jabor dizer no mesmo telejornal noturno quatro dias depois que de início esse movimento parecia uma pequena provocação inútil, que muitos criticaram erradamente, inclusive ele, que disse que temos democracia desde 1985, mas democracia se aperfeiçoa, se não decai, que o Brasil parecia desabitado politicamente, que tudo acabava em pizza, mas de repente apareceu o

povo, de repente o Brasil virou um mar, e uma juventude que estava calada desde 1992, que nascia quando Collor caía, acordou, abriu os olhos e viu que temos democracia, que os jovens despertaram porque ninguém aguenta mais ver a república paralisada por interesses partidários e privados, que há um grande perigo na violência e nas reivindicações abstratas, que é preciso uma política nova, se reinventando, mas com objetivos concretos, e se tudo correr bem estaremos vivendo um momento histórico lindo e novo, e foi com essa última expressão repetindo na cabeça, um momento histórico lindo e novo que ela, que era ainda criança quando Collor caiu, mas lembrava muito bem dos adolescentes saindo do colégio com as roupas pretas e as caras pintadas de verde e amarelo para ir às manifestações, abre os olhos, vê que a barca já está passando a Ilha Fiscal e quase atracando na outra margem da Baía de Guanabara, se levanta e se posiciona perto da porta para ser uma das primeiras a sair.



Quando chega à Praça XV, vê pessoas que também buscam esse momento lindo e novo, pessoas que vêm de todos os lados, da barca, do ônibus, do metrô, dos táxis, a pé, todos se dirigindo à avenida Presidente Vargas, com cartazes, vuvuzelas e cervejas, animados e alegres com o despertar do gigante, porque as coisas não podiam mais ficar assim como estavam, porque isso tudo que estava ali era muito errado e era preciso ser contra tudo isso que estava ali, e porque eram contra tudo isso que estava ali é que estão ali, e se é verdade que boa parte do rastilho de pólvora que tomava conta do país e impulsionava manifestações em cidades de todos os estados se devia ao aumento de vinte centavos nas passagens de ônibus e à violência da repressão policial, não era só pelos vinte centavos que o ato se daria, mas em nome de um novo país que será construído pelo povo, esse povo que chega em praças e ruas de todo o país naquele exato instante, assim como ela e aquele mar de gente que toma conta do Centro do Rio de Janeiro vindo de todos os cantos da cidade para mudar tudo aquilo que

estava ali, porque conforme diziam quase todos os eventos nos quais ela tinha confirmado presença no Facebook, aquele dia ia ser maior, aquele dia ia ficar para a história, daqui a muitos anos lembraremos daquele dia, que foi o que ela disse para seus alunos em todas as turmas para as quais deu aula naquela semana e na semana anterior, dizendo com muita veemência que era fundamental que eles, que eram jovens, estivessem na rua naquele momento, pois quem sabe faz a hora, não espera acontecer, e quem não fosse iria se arrepender porque não poderia contar para os netos que tinha ajudado a construir um país melhor, com aquelas manifestações que ocorriam em todo o país.



Nos seiscentos metros de caminhada entre a Praça XV e a igreja da Candelária, ela percebe que não são apenas jovens que estão na rua para ajudar a construir um país melhor, mas também crianças, adultos e velhos, todos com uma curiosa alegria no rosto, alegres por estarem ali, alegres por fazerem algo importante juntos, uma alegria revolucionária, de quem está fazendo algo para mudar o estado das coisas, de quem está ali para fazer história, para fazer o Brasil mudar, e era exatamente isso que ela queria da vida, andar no meio da multidão, andar no meio da revolução, andar sozinha no meio de pessoas que carregam cartazes que dizem Quantas escolas valem um Maracanã?, Queremos cura para a fome, Dilma, chama a educação de Neymar e investe nela, Nós somos o futuro do Brasil, A consciência do povo daqui é o medo dos homens de lá, Não fujo à luta, mas não sou tua filha, Não é vandalismo, é revolta, É uma vergonha a passagem mais cara que a maconha, Odeio bala de borracha, joga um Halls, Revolução na sua mente, The snake is gonna smoke, Não deixe de protestar, Sai do CandyCrush e #vem-pruarua, O povo decidiu, queremos o melhor pro Brasil, Respeito aos direitos indígenas, pessoas que gritam palavras de ordem, que cantam em busca da mudança, em busca de um país melhor, um país que finalmente seria o país com que o povo sonhava, porque o povo unido e jamais vencido faria outra história acontecer, como

deveria ter sido desde sempre naquela terra que tinha tudo para ser linda e próspera, que tem tudo para ser um ótimo lugar para todos que nela vivem, um lugar sem desigualdade social e alegre como quer a multidão que toma as ruas naquele dia.

Encantada com aquela beleza toda, com aquele novo modo de fazer política, com a democracia direta daquelas pessoas todas na rua, daqueles dizeres todos, de todas aquelas cores, de toda aquela criatividade, daquela explosão genuína de resistência e revolta com a qual ela sempre sonhou, desde jovem, desde o movimento estudantil no colégio e na faculdade, desde que assumiu o cargo de docente em uma universidade federal e passou a dizer recorrentemente aos seus alunos e às suas alunas que não havia relação de oposição entre a academia e a militância, que não existia neutralidade no que quer que fosse, muito pelo contrário, que todo gesto era um gesto político e que era sempre em nome de um outro mundo possível que a pesquisa, o ensino e a extensão deveriam se dar e que era assim que ela colaboraria para a formação dos futuros profissionais, ela chega à Candelária, na ponta da Avenida Presidente Vargas, ponto de concentração do ato, e lá fica por alguns minutos, olhando em volta, admirando os papéis picados que caem das janelas dos prédios mais altos, as pessoas se encontrando, se abraçando, andando juntas, um ex-colega dos tempos de graduação com o qual tanto discutira, um liberal de carteirinha que agora vestia um terno cinza-chumbo e carregava uma pasta de couro, um grupo de cinco ou seis alunas de uma turma em que ela tinha sido especialmente veemente conclamando ao ato, o pessoal do sindicato dos professores, uns meninos muito novinhos com roupas escuras e panos no rosto, e começa a subir as quatro pistas de uma das maiores avenidas da cidade, a única capaz de receber tanta gente na região central, entusiasmada com os gritos, as danças e os beijos e atenta aos cartazes, O preço da luz é um roubo, Ou para a roubalheira ou paramos o Brasil, As pessoas vão ver que estão sendo roubadas!, Vamos pra rua, Estão roubando o doce das